

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Rodrigo Pereira Rothbarth

De perdido no mar à magia ilhéu: a ressignificação do termo
Mané da ilha nas décadas de 1970 - 1980

Florianópolis

2015

Rodrigo Pereira Rothbarth

De perdido no mar à magia ilhéu: a resignificação do termo
Mané da ilha nas décadas de 1970 - 1980

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito para
obtenção do grau de Bacharel e
Licenciado em História. Sob orientação
do Prof. Dr. Elison Antonio Paim.

Florianópolis - SC
2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao povo brasileiro que por meio dos impostos pagos puderam me proporcionar uma educação em nível superior de qualidade e gratuita.

A seguir não poderia deixar de agradecer aos meus pais Eduardo e Elisabeth que sempre acreditaram em mim e que sempre que foi preciso estiveram lá por mim. Minha avó que foi a primeira a despertar o sentimento de historiador que tenho em mim, com todas as suas viagens e livros escritos. Agradecer também a minha namorada Daniela que sem ela eu não estaria neste momento da minha vida e que juntos construímos nossa vida acadêmica e planejando o nosso futuro.

Não posso deixar de mencionar meus amigos, que são a alegria nas horas de diversão e nos momentos de raiva, agradecimento especial ao Edu, Shimizu, Bauer, Carreirão, Bruno, Douglas e Rodolfo. E todos os colegas do curso de História que juntos vencemos todas as barreiras que colocaram em nosso caminho, em especial “Big”, Yve, Isadora, Pedro e “HP”.

E agradecimentos aos professores da graduação do curso de História em especial ao meu orientador Elison Antonio Paim pela paciência e dedicação ao me auxiliar na realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho analisa a resignificação que o termo “Mané da ilha” teve no período de modernização da cidade de Florianópolis, durante as décadas de 1970 e 1980, com base nas colunas sociais Beto Stodieck e Cacau Menezes, com destaque para sua importância na construção da opinião pública e na formulação da imagem que a população em geral tem do habitante tradicional da ilha de Santa Catarina. Essas discussões estavam inseridas em um processo de modernização da cidade e de um fluxo migratório intenso, que mudou rapidamente a maneira de se enxergar a cidade, antes vista como provinciana, para uma cidade modernizada, ligada à indústria do turismo e da construção civil. E a ligação do “Mané da Ilha”, com essas mudanças encabeçadas pelas elites da cidade.

Palavras Chave: Mané da ilha, modernização, identidade, Florianópolis.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| Capítulo I – Visão geral da cidade de Florianópolis durante sua modernização (1950-1980). 9 | |
| Capítulo II – A diminuição do “eu ilhéu” e as colunas sociais. | 21 |
| Capítulo III – A Valorização da Figura do Mané. | 30 |
| Considerações Finais | 41 |
| BIBLIOGRAFIA | 43 |
| FONTES..... | 46 |

INTRODUÇÃO

Há tempos venho me perguntando se a cidade de Florianópolis tem ou não uma identidade a ser mostrada para turistas ou para seus próprios moradores. Venho buscando em bate-papos com amigos e colegas uma identidade própria de “Manézinho”¹, e uma auto-afirmação, buscando concretamente me identificar como um Manézinho da Ilha. Para mim, não bastava apenas o fato de ser nascido em Florianópolis, ainda faltava conhecimento para tal.

A disciplina de História de Santa Catarina me fez bastante curioso acerca da colonização da cidade, e de como se deu a entrada dos açorianos em nosso estado, mas nunca entrava a fundo nas identidades, costumes, e tradições desse povo que colonizou o litoral catarinense, e por isso, como morador de Florianópolis, acostumado com o termo e ouvi-lo em todos os cantos, realmente nunca tinha me questionado da sua origem, algo que tive curiosidade apenas após a leitura de “A Invenção das Tradições” de Eric Hobsbawn (1984), onde pude constatar que nem tudo o que pensamos existir “desde sempre” realmente é. Construções e adaptações de tradições e culturas são bastante utilizadas pelos formadores de opinião e pelo poder público.

Em meu questionamento para a busca de um posicionamento quanto à minha “maneizidade”, me deparei com algo que era impensável até então, e de fato me chamou bastante atenção, em que a figura do “Manézinho da Ilha” nem sempre foi bem vista na cidade, e que o termo nascera de maneira bastante pejorativa, e que nas décadas de 1970 e 1980, o termo sofre a ressignificação e sua valorização como a temos nos tempos de hoje.

Assim, decidi analisar a criação do conceito do “Mané da Ilha”, e para tal utilizarei meios de comunicação em massa, uma vez que os formadores de opinião teriam um papel bastante importante para a criação de tal estrutura de identificação e culturamento para a cidade, escolhi dois colunistas sociais nascidos em

¹ O Mané da ilha é uma figura ilhéu que por sua vez é muito simples, nascido na Ilha de Santa Catarina, morador das comunidades pesqueiras que, por se tratar de uma nomenclatura para identificar esses moradores, generalizou-se o termo para todos aqueles que nascem no município de Florianópolis.

Florianópolis, e de jornais de bastante circulação nas décadas de 1970, como Beto Stodieck em “O Estado”, e 1980, com Cacau Menezes, no “Diário Catarinense”, uma vez que ambos focaram seus trabalhos na figura do ilhéu e nas repercussões que o crescimento que a cidade obtinha com o aumento da procura por turismo e da qualidade de vida que Florianópolis oferecia.

Um ponto importante para a pesquisa é o conceito de identidade cultural. Cada tempo e cada espaço possuem a sua própria identidade, que por sua vez é um apanhado de outras, que influenciam direta e indiretamente cada um dos moradores de um dado tempo e espaço. Identidade é um conceito mutável que cada vez mais rápido modifica as rotinas de cada um que vive no mundo modernizado pós Segunda Guerra, e com o uso de mídias de massa, mais do que nunca.

Passada uma necessidade básica de se manter dentro parâmetros locais que passavam por ordem, beleza e progresso, essa modernização nos traz uma noção binária da percepção de identidade do que é normal e do que é “anormal”, muito mais acentuada que no passado, trazendo muitas vezes, mesmo aquilo que todos estão acostumados, ou antes não estavam, tornar-se diferente da noite para o dia. A transição é feita rápida e imperceptível para os olhos de muitos. A modernização não traz apenas o conhecimento adquirido, mas há também uma padronização cultural que, em sua grande maioria, homogeneiza a identidade e a cultura local.

A verificação do conceito mais aprofundado de “Mané da Ilha” é importante no sentido que esta é uma representação e identificação do morador da Ilha, assim entender que para isso é necessária uma história por traz envolvendo todos os moradores, ou se esta pode ser generalizada a todos aqueles que nascem na Ilha. E identificar de maneira mais clara sua criação e analisar os fatores que levaram a esta mudança no significado do termo “Mané da Ilha”.

Utilizando Stuart Hall (2005), como base para o pensamento sobre e identidade cultural e de sua identificação com o seu lugar de origem, sendo ele de qualquer nível, nacional, estadual ou regional, dos tempos modernos. De modo a perceber como nós não nascemos com uma identidade pré-formada, mas sim somos uma construção de todo o cotidiano que nos cerca. “Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’(Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa.” (HALL p.49) E com o desenvolvimento vem uma necessidade de se identificar uns com os outros, e quando digo identificar, digo auto-identificar-se no outro, sendo que

uma das características do desenvolvimento é a homogeneidade: as disparidades regionais e setoriais, verticais e horizontais, não interessam ao desenvolvimento. Segundo Stuart Hall (2005), uma visão de sujeito sociólogo no qual a formação da identidade vem do reconhecimento do “eu” pelas pessoas próximas e importantes. A homogeneidade e a igualdade ao próximo são uma necessidade clara nessa modernização ocorrida no Brasil nesse período.

Muitos estudos foram realizados no decorrer das décadas de 1990 e 2000, com a interação da nova cidade com o açorianismo, que foi trazido a tona principalmente após o período de vitórias do tenista Gustavo Kurten, que nos anos 1990, espalhou esta fama “manézinha” por todo o país com seu jeito extrovertido de fala rápida, que poucos conseguiram acompanhar, criando a consolidação que os articuladores da homogeneidade esperavam desse caminho percorrido nas décadas anteriores. Em obra organizada por Reinaldo Lohn, intitulada *Florianópolis no tempo presente* (2011), podemos analisar fatores dos agentes de propaganda, colunistas e demais meios de comunicação acerca da modernização e seus conflitos geradores de disparidades na cidade, principalmente com a vinda de pessoas de fora e a formação de uma nova classe média, que acompanhando o pensamento da ditadura militar instaurada em 1964, temiam as classes pobres (temia virar a classe pobre) e almejavam a uma ascensão para a classe alta.

Márcia Fantin (2000), faz também um apanhado bastante completo dos fatos ocorridos ao longo do tempo na cidade. Com detalhamento nas festas e ondas de poder que aqui se instauraram. Com uma discussão bastante clara dos conflitos entre os “nativos” e os “de fora”, como coloca, ajuda bastante na análise das descobertas da nova modernidade que a cidade passa nos períodos, principalmente, pós 1964, e às desavenças pessoais que acabaram passando para um cotidiano maior dentro da cidade.

Os conflitos de classe são bastantes presentes no período analisado, e “reforçada” dia a dia em jornais e revistas, com propagandas de bens de consumo como TV’s, geladeiras, automóveis, bens que poderiam ser mostrados e destacar uma auto-afirmação de status social perante os moradores vizinhos. E aqueles que não se enquadravam nas mesmas condições eram tachados de retrógrados (quando falamos da classe baixa) ou “do contra”, que querem mudar tudo (quando tratamos da classe média).

Fantin também faz uma abordagem da nova Florianópolis e de muitos dos processos que a cidade passou para atingir o patamar de cidade turística, que fora a “salvação” para uma Florianópolis mais moderna. Para os agentes políticos que mesmo em torno dos planos diretores, transformaram a cidade em um pólo da indústria turística, acarretando também em um crescimento da indústria da construção civil e imobiliária da região e dos novos trabalhadores vindos para suprir a demanda dos serviços especializados necessários para as novas empresa que chegaram nos anos 1960. Como os salários eram bons o padrão de vida da cidade deveria mudar consideravelmente, aumentando também o padrão dos imóveis entregue pelas construtoras da época.

Sob uma perspectiva cultural e midiática serão analisados fatores que levaram Florianópolis ao seu crescimento e como os meios de comunicação ajudaram a manter estereótipos vigentes na ilha, reforçando as necessidades da vida urbana moderna da classe média, com suas viagens e envolvimento em festas e ações culturais. Mais tarde, com os novos planos turísticos para a cidade, os agentes formadores de opinião e o poder público ajudaram a criar o novo símbolo (“garoto propaganda”) que é o Manézinho da Ilha, com programas, tentativas de “retomadas” da açorianidade, troféus de prestígio e integrando Festas Populares ao cotidiano da nova Florianópolis.

No primeiro capítulo será apresentada uma visão geral das décadas de 1950 à 1980, com o intuito de evidenciar a situação que a cidade enfrentava, principalmente no período pós processo de implantação da ditadura militar e seu investimento em modernidade, levando grandes empresas públicas e privadas para a pequena capital de Santa Catarina.

No segundo capítulo, mostro os conflitos gerados pela vinda da nova classe média para a cidade, e como os nativos são por sua vez, deixados de lado, nos planos de modernização da cidade, e como as colunas sociais de Beto Stodieck ajudavam na conservação desse *status quo* da classe média e sua exclusão das camadas mais baixas da sociedade usando pejorativamente o termo “Manézinho da Ilha”.

A proposta para o terceiro capítulo é verificar como o uso da mídia influenciou a ressignificação do termo “Manézinho” para uma nova estrutura de propagandas políticas/turísticas para atrair cada vez mais os olhares do mundo para a pequena Florianópolis, transformando-a em um grande pólo turístico de Santa Catarina.

Capítulo I – Visão geral da cidade de Florianópolis durante sua modernização (1950-1980).

[...] silenciosa, pequena, “sem vida noturna”. Suas “casas baixas, ruas estreitas”, cercadas pelo morro, “com seus negros, suas misérias, suas brigas, suas macumbas”, onde brilhava apenas “uma luz ou outra” descrição de Silveira de Souza sobre a vida urbana de Florianópolis em meados nos anos 1950. (LOHN, 2002, p.241)

A cidade de Florianópolis ainda vivia como uma pacata cidade - vilarejo em meados da década de 1950, sem que tivesse uma projeção de mudança cultural ou mesmo modernização da cidade. Um plano diretor criado em 1952, traria uma nova cara para a cidade e que transformaria a cidade em um pólo mais industrializado. Naquele momento, as elites de Florianópolis tinham outros planos para a cidade. Seus planos de projeção de futuro se baseariam em uma utilização das belezas naturais, deixando o citado plano diretor de lado e investindo na modernização da cidade como a “naturalidade” do lazer turístico, bem como os investimentos em sua especulação imobiliária e de novas utilizações, e na valorização de espaços antes pouco ocupados, como os loteamentos nas áreas de Canasvieiras e Jurerê, trazendo o turismo como um alvo a ser atingido. (LOHN, 2011)

Conforme Fantin, Florianópolis era uma “Cidade pacata, cidade provinciana. Durante muito tempo Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, foi retratada através desses adjetivos, que condensavam uma certa imagem de cidade.” (2000, p.15). Isso, até o fim dos anos 1960, ninguém da cidade iria se preocupar com qualquer mudança de vida ou da cidade até que um crescimento e uma modernização se fez pauta em todas as conversas de bar e das reuniões das classes mais altas e agentes políticos da cidade e do estado. A modernização seria a nova meta para a cidade, e um novo plano diretor começaria a ser configurado para estipular como e para onde Florianópolis cresceria, fosse industrialmente ou não.

A vida em Florianópolis que aos olhos daqueles que a visitavam parecia pacata e serena, uma cidade onde todos conheciam a todos, como seus ritmos e rotinas, onde casas não precisavam ser numeradas, pois todos sabiam onde todos moravam. Uma cidade de padrões muito bem definidos e que se pensava não fosse possível mudar. O povo da cidade já estava muito acostumado com a vida como ela

era, os cotidianos da cidade e do campo se misturavam no centro da cidade ao redor do Mercado Público.

Florianópolis, cidade de colonização açoriana, era bastante apegada às suas tradições, costumes e crenças religiosas. Um povo muito ligado à superstição, incluindo idas às benzedeiros que tratavam de todo e qualquer mal do povo ihéu. A cidade tem uma bagagem bastante simples e que traz, de todos os lados, visões bastante pacatas de vivências, onde o que não está ruim, não precisa ser melhorado.

Notando uma grande mudança nas “normalidades” da época o artista e professor florianopolitano Franklin Cascaes, começou uma extensa coletânea de obras que retratariam o cotidiano da cidade, em pinturas, desenhos e esculturas, que representariam um cotidiano cada vez mais raro de se ver aos olhos daqueles “moradores mais visíveis”, que moravam principalmente no centro e nos bairros próximos.

Em seus trabalhos, Cascaes passou a registrar e mostrar tudo aquilo que aos olhos dos moradores comuns seria banal e corriqueiro, nada que talvez tivesse tanta importância de se relatar ou de se guardar, já que seriam atividades do dia a dia (o olhar do outro para com suas próprias normalidades). Nas obras literárias procurou exaltar o trabalho das curandeiras e suas lutas contra os enfeitiçamentos das bruxas como em “O fantástico na ilha de Santa Catarina”.

Nas esculturas, Cascaes retratava os engenhos de farinha em funcionamento, produziam-na às custas do trabalho dos bois. Em seus desenhos, mostrava a sua visão da cidade pacata e pequena, onde todos parecem conhecer a todos, além de suas próprias vidas. Teve um cuidado em construir uma arte para que todos pudessem desfrutá-la, até mesmo aqueles não letrados, por isso uma grande ênfase nos trabalhos em esculturas e desenhos, como ele mesmo se faz entender:

[...] suponhamos a técnica rudimentar utilizada pelos nossos lavradores na fabricação de farinha de mandioca, e seu maquinismo, narrado através das páginas de um livro. Levaríamos horas para lê-lo. Mostrando através de esculturas e trabalhos manuais como venho apresentando, esclarece perfeitamente a qualquer leigo, a conhecer *quasi* a realidade das técnicas usadas por eles dentro de um pouco instante. (CASCAES apud KRUGER, 2011, p.95)

Cascaes se preocupou em retratar, principalmente, as rotinas de trabalho como o pescador, a mulher que pila o café, trabalhadores na roça, vendedores ambulantes, e o trabalho doméstico. (KRUGER, 2011), afirma que esse cotidiano daqueles que vinham para visitar a cidade não enxergam, pois muitas vezes, permanecem apenas no centro e não aparecem nas regiões mais rurais da cidade. Conhecendo apenas a “área de lazer” dos nativos, a praça XV, o Mercado Público e os bares e restaurantes ao seu redor.

É muito comum encontrar um relato de pessoas que não são nativas de Florianópolis que reclamam da normalidade em que os nativos têm de “não fazer nada”, ou que a mesmice paira na cidade. Como a de um gaúcho que veio morar na cidade, afirmando que “[...] sabe qual é a vida social deles? As mulheres ficam em casa, às vezes recebem visitas ou vão fazer visitas. Os homens ficam no boteco, bebendo, jogando cartas, dominó, ou sinuca. Eu não quero essa vida social. [...]”, ou quando fala sobre a Festa do Divino, em que todo ano o padre fala as mesmas coisas, e que depois do segundo ano resolveu não voltar mais por já conhecer todas as falas do padre. (FANTIN, 2000, p.41)

Esta Florianópolis que Franklin Cascaes tanto se identificava e quis preservar, em meados da década de 1960, começava a ser ameaçada. O medo era que a cultura da ilha estivesse morrendo. O milagre econômico em que o Brasil se colocava, trazia para a cidade muitos investimentos governamentais e um trânsito de pessoas em consequência de uma nova classe média na cidade. Este *boom* da classe média dividiu-a em duas, fato de grande importância para o futuro de Florianópolis. Uma já enraizada na ilha, pelas famílias mais tradicionais, ligadas à burguesia, que crescia no início do século XX, mais conservadora, católica e muito apegada aos valores morais e os bons costumes. E outra, ligada ao crescimento da cidade, vindas de fora, formada pelos novos funcionários públicos, professores universitários, engenheiros e outros profissionais vindos a partir das décadas de 1960 e 1970.

Nessas décadas, os investimentos governamentais da ditadura foram importantíssimos para a construção da nova cara da cidade, principalmente com a criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), em 1962, das Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), em 1955, e da Universidade do Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 1965. Essas novas empresas públicas trouxeram consigo

todo um aparato de mão de obra especializado com ganhos salariais bastante acima daquele que a cidade estava acostumada, iniciando assim, uma nova fase na vida dos florianopolitanos, de revoluções tecnológicas e de novos padrões de consumo. (ACORDI; FREIRE, 2011, p.53)

Bastante importante para a base de pesquisa também, foi a vinda da TV afiliada a rede Globo, Rede Brasil Sul (RBS) para Santa Catarina em 1972, com seu editorial correlato com as expectativas de modernização da ditadura militar e seus profissionais capacitados e novos estilos de vida, especialmente por ter sua sede em Porto Alegre muito do seu quadro de funcionários virem diretamente de lá. Criando uma nova linha de consumo relacionado ao padrão de vida já vivido nas metrópoles brasileiras.

E com isso o “nível de tranquilidade” que os florianopolitanos estavam acostumados começou a mudar, com a vinda da UFSC, novos postos de trabalho foram abertos em que o salário mudaria a cara da cidade para sempre. Novos níveis de poder aquisitivo surgiram na cidade, a classe média, que por sua vez, traria novos olhares para a normalidade da cidade. O poderio político da cidade e a classe alta que já existia, planejava uma nova cidade em que a palavra-chave seria a “modernização”. Novos olhares, novas fontes de renda, novo poder aquisitivo, novas pessoas. A universidade atraiu pessoas de muitos lugares do país, principalmente os gaúchos, paulistas, paranaenses e cariocas para viver na cidade. Essa classe média criada na cidade teria em seus valores algo nunca visto antes, a ênfase na individualidade e liberdade de escolhas, e em um novo foco no padrão de consumo. Onde o “*ter*” era mais importante do que, quem você é. O maior acesso, a bens como geladeiras, aparelhos de TV, carros entre outros, foi a maneira em que essa classe média encontrou para se distanciar das demais classes presentes na cidade.

Após os sustos passados no governo Jango², as camadas média e alta, apoiavam toda a pressão e o autoritarismo do governo militar a espera de que o seu poder e condições se mantivessem os mesmos de antes, assim o seu padrão de vida não mudaria e todos ainda poderiam se manter com o mesmo privilégio de consumo. Continuado o eterno dilema da classe média, que almeja estar entre os

² “Em 1964, a campanha que legitimou o golpe militar acusava que a ‘desordem’ e a ‘baderna’ dos ‘comunistas’ do governo Goulart ameaçavam essas metas.” Metas de “supressão do passado e a inauguração de um ‘novo tempo’.” (LOHN, 2009, p.4)

ricos, e ao mesmo tempo, teme a queda no padrão de consumo, vangloriando o que gasta e menosprezando aquele que não pode.

[...] na entrada dos anos 60 desenvolveu-se, nas cidades maiores e mais afetadas pelo processo de industrialização no país, uma cultura de consumo que se difundiu, sobretudo entre as camadas médias e altas, criando nelas uma espécie de 'euforia' consumista e a crença de que era no consumo e por meio dele, que elas encontrariam plena autossatisfação. Simultaneamente identificavam consumo a liberdade individual, fazendo com que o próprio termo democracia, geralmente associado à liberdade, fosse pervertido e se deslocasse da esfera dos negócios públicos para o interior de experiência doméstica, privada. (FIGUEIREDO, 1998, p.58)

Inicia-se, então, um momento modernizador para a Florianópolis dos anos 1970, que fora incapaz de organizar indústrias por sua localização geológica e pela falta de infraestrutura, constatada pelo andamento "provinciano" da cidade.

Florianópolis passou a ter no início desta mesma década, uma arrecadação nunca vista antes, na casa de onze milhões de cruzeiros, à implantação de mais órgãos públicos, e a vinda cada vez maior de trabalhadores. Destacava-se também a iniciação de duas "indústrias" que até os dias de hoje são as mais rentáveis. A primeira, a da construção civil, juntamente com o ramo imobiliário, que com a chegada dos já mencionados novos trabalhadores, precisava abarcar o sentimento dessa nova classe média e acomodá-la de maneira que fosse condizente com os padrões de consumo. Dai o crescimento de empreendimentos de alto padrão de qualidade (para a época), principalmente nos bairros onde essas novas repartições públicas se encontravam. Dessa forma, foi sendo criado um grande nicho de mercado para aqueles que queriam morar próximo ao seu local de trabalho. E à segunda, que viria um pouco mais tarde, a da "indústria" do turismo, que a aproximação das praias com o centro, facilitaria o trânsito, e com o reforço das belezas naturais da ilha com a pressão das classes altas de transformar a Florianópolis provinciana em uma cidade turística como Paris, Rio de Janeiro e Nova Iorque.

E com esse desenvolvimento traz uma necessidade de se identificar uns com os outros, e quando digo identificar, digo se autoidentificar no outro, sendo uma das características do desenvolvimento vista na homogeneidade: as disparidades regionais e setoriais, verticais e horizontais, não interessam ao desenvolvimento.

Segundo Stuart Hall (2005) uma visão de sujeito sociólogo no qual a formação da identidade vem do reconhecimento do “eu” pelas pessoas próximas e importantes. A homogeneidade e a igualdade ao próximo são uma necessidade clara nessa onda de modernização ocorrida no Brasil no período.

Florianópolis segue um mesmo processo em que diversas cidade importantes do mundo passariam para que esse andamento dos novos tempo fosse bem sucedido. Muito se mudou em cidades como Paris e Rio de Janeiro, para que as questões de embelezamento fossem concretizadas, ruas alargadas, migração da camada mais pobre, e mais a modernização dos sítios das cidades, praças, pontes entre outros. Paris foi a precursora da idéia de embelezamento, novas atividades e propósitos de espaços foram criados e tudo mudava de uma certa forma para transformar Paris na “cidade luz”.

Modernização e embelezamentos das cidades raramente podem ser separadas, a idéia principal, segundo Walter Benjamin (1935), era transparecer tranquilidade e facilidade de vida para todos aqueles que passavam pelas passagens, uma vez que o visual (ou aparências) agora eram muito mais valorizados, e o padrão estético é estabelecido pelas galerias que cada vez mais se enchem de objetos em que o valor de uso ficava em segundo plano, criando uma aparência falsa ou fantasmagoria para o homem se distrair. E com essas fantasmagorias, vêm os colecionadores, que por sua vez obtêm objetos pelo simples fascínio de olhar, produzindo um nicho de mercado grandioso para os arquitetos de interiores, e estabilizando a guerra com os engenheiros.

Logo em seguida, 1968, outra grande empresa nacional se instalaria, a Eletrosul, que cada vez mais traria novos moradores com poderes aquisitivos altos para os padrões da então pacata Florianópolis. Onde a especulação imobiliária se usa das belezas naturais da cidade para que seu público alvo fascine e orgulhe-se de suas aquisições e que seus empreendimentos se tornem locais de admiração mais do que de moradia.

A “cidade de açorianos” é muito lembrada pelos “nativos” por suas tradições e costumes, alguns religiosos e outros não, muito do que se via na cidade nas festas culturais eram grandes reforços daquilo que as antigas camadas altas queria ressaltar. Principalmente na festa do divino, onde todos na cidade se vêem e se cumprimentam. Um ponto para que a classe mais alta pudesse se “misturar” com a multidão, aquela multidão, fervorosa, impaciente, uma massa passiva e homogênea,

com um intuito simples de manter o *status quo* (BENJAMIN, 1935), manter e de certa forma, manipular os pensamentos do povo em geral, para que o equilíbrio do poder não fosse mexido. Assim como mostrado por Fantin, quando fala das festividades em Florianópolis.

A festa também é espaço de sociabilidade [...] da circularidade cultural da cidade [...]. A festa, [...] constitui uma “linguagem poli classicista”, que promove “elos sociais”, [...] criando uma “ilusão” da unidade e de comunhão social, mas simultaneamente, também expressa o contrário, reforçando as divisões e conflitos entre grupos, demarcando territórios, revelando estilos e gostos diferentes [...] (FANTIN, 2000, p.104)

Sigo, enfatizando duas festas muito famosa de Florianópolis e que retratam bem o pensamento da nova identidade florianopolitana, que seria formada a partir da década de 1970. A primeira é a Farra do Boi, “festa”, brincadeira nativa de Florianópolis que consiste em perseguição de um boi pelas áreas da cidade, ato considerado folclórico, natural, tradicional, mas que também foi motivo de muitas controvérsias, “vítimas” da modernidade “civilizada”, por suas características de crueldade, onde o boi é “judiado” pelos participantes que o fazem correr para todos os lados mesmo exausto e machucado. Festa considerada pelos novos moradores como arcaica, atrasada e dissociada do processo da modernização. A farra começou a dar problemas, quando não se tinha mais espaços para que ela fosse realizada, pois a modernização estaria em todas as partes da cidade, carros, casas, famílias agora ocupavam um lugar que antigamente era do boi. A segunda festa é o Boi-de-Mamão, Fantin (2000), coloca-a como o “avesso” da farra, uma manifestação lúdica, músico-teatral com cantorias e fantasias, em que as crianças que as vestiam e contavam a história. Esta manifestação podia ser vista por toda a cidade, onde diversos grupos até mesmo realizavam concursos de qual era o melhor boi. Uma tradição muito mais calma e civilizada, que era ensinada em muitas escolas da capital. Todos podiam usufruir dessa tradição sem danos físicos e patrimoniais:

[...] o boi de mamão representava (e representa) simbolicamente a “boa cultura popular”, “autêntica” e nos marcos da “civildade”. Esta devia se propagar, alardeada, sobretudo, ensinada. Já a farra do boi não se ensinava na escola. Ela era aprendida na rua, desde

pequeno, ao acompanhar a balburdia coletiva. (FANTIN, 2000, p.115)

Muito se rebate nos argumentos de tradições e costumes e que nada deve ser mudado ou alterado, mesmo que ela mantenha a cara do evento, para um povo de então “cidade pequena” a crueldade talvez fosse justificada por ser praticada a muito tempo, que nada poderia mudar. Muitos utilizam costume e tradição como sinônimos, porém deve-se tomar o devido cuidado assim como aponta Hobsbawn:

[...] “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive as inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como as repetições. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem dupla função do motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência a inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p.10)

A vinda da Eletrosul para a capital de Santa Catarina, impulsionou o mercado imobiliário elevando o nível aquisitivo dos moradores do Florianópolis e juntamente com o custo de vida, gerando muitos conflitos entre os “nativos” de Florianópolis e os “de fora”, tomando conta do cotidiano da cidade. Os de fora, atraídos pelas propostas de empregos de alto rendimento, a beleza da natureza e até mesmo pelo sossego da cidade, vieram para Florianópolis com uma visão de modernização que era muito longe da realidade e que muito agradava os habitantes daqui, das classes baixas pelo costume de como eram as coisas e pela classe alta, pelo fácil manipular dos habitantes menos favorecidos.

A modernização chega à cidade pelos olhos daqueles que vem de fora que desejam implantar a sua normalidade no ambiente onde vivem, com novos padrões de conviver, higiene e educação, que eram muito diferentes dos daqui. Encontrando uma barreira bastante impenetrável dos “costumes açorianos”, de como se portar e viver da cidade. Com isso, abre uma temporada de conflitos entre os moradores da cidade, em que muitos dos “nativos” começam a não tolerar as tentativas de

mudança dos “de fora”, conflitos esses por motivos vistos hoje muito normais como o devido tratamento do lixo e dejetos domésticos, demarcação correta do terreno com os cálculos da prefeitura, comportamento e como educar os filhos. Os conflitos chegavam a verdadeiros extremos de uma rua ser batizada de “rua dos de fora”, ou “rua dos gaúchos ou paulistas”, ou até mesmo dos nativos não aceitarem as inscrições dos filhos dos de fora para as escolas dos bairros.

Mas a intolerância partia dos dois lados, a imposição dos padrões de vida modernizados pelos de fora, também foi um fator chave para que os conflitos tomassem lugar na cidade, nada do que era costume dos nativos que batesse com suas crenças eram aceitos, uma vez que os de fora vinham buscar uma vida diferente em outra cidade, nada mais justo do que a tentativa de uma melhor assimilação dos costumes ou tentativas de adaptação mais sutis.

As relações dos de fora com os nativos é um grande jogo de poder que segue na linha de exemplos mundiais de conflitos entre estes grupos, aquele que tem mais poder sempre deseja subjugar o outro para que tudo permaneça da maneira em que estão acostumados. O perigo mora quando há uma inversão nos poderes, o que em Florianópolis aconteceu de forma muito rápida, aqueles nativos ou “estabelecidos” segundo Elias (2000), se prendem em questões normativas, onde “sempre foi assim, porque eu tenho que mudar agora?”, os “de fora” ou “outsiders” são normalmente aqueles que não observam normas e costumes já ali estabelecidos e “são vistos-coletivamente e individualmente- como anônimos.” (ELIAS, 2000, p.26)

Aqueles que aqui se fazem presentes há mais tempo, sentem-se ameaçados pela vinda dos de fora, principalmente pela facilitação do poder político que vê como a única possibilidade de futuro, a modernização da cidade. Com a grande migração de pessoas para a cidade, os nativos começam a perder espaço nas conversas e deixam de ser os únicos a habitar os locais públicos. Uma vez que viram motivo de debates e discussões por toda a cidade, os de fora se vêem obrigados a estabelecer ambientes próprios de lazer, trabalho e moradia.

Como mencionei anteriormente, em Florianópolis houve uma movimentação³ para a inversão de poderes muito rápida, e que o poder de estigmatizar dos nativos

³ “Sequências como o movimento de ascensão e declínio dos grupos e a dialética da opressão e da contra opressão dos ideais de grandeza de um grupo estabelecido, esvaziadas pelos ideais dos antigos outsiders que acendem à posição de um novo *establishment*.”

diminuiu drasticamente até que perdesse o controle total da cadeia de poder. Pois “a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte quando o grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder existentes em uma sociedade”, (ELIAS, 2000, p.24). E as condições favoreciam os de fora, sendo pelos melhores salários ou por um ideal de modernização muito mais próximo do desejado pelo poder político da cidade.

Tudo muda quando um novo *establishment*⁴ é empregado, como quando os “de fora” criam uma zona de poder na cidade, com melhor organização dos bairros, melhor poder aquisitivo, adquirindo os bens de consumo como as geladeiras e fogões, e o padrão de vida subindo. Para combater toda a estigmatização sofrida nos primeiros períodos do crescimento da cidade, os “de fora” utilizam-se das mesmas armas, em uma espécie de contra-estigmatização, para afirmar o valor humano inferior e que segundo Elias, tende a penetrar na auto-imagem do grupo estigmatizado, a ponto de enfraquecê-lo, retaliando, no caso de Florianópolis o uso da expressão “Zé Mané”. Expressão essa usada nas origens dos “de fora” para se referir àqueles que não têm habilidade nenhuma ou estudos, ou que não tem a disposição para trabalhar, “vagabundo”, “malandro”, “trouxa”.

E com a especulação imobiliária crescendo novos terrenos eram comprados e novamente o termo vinha à tona, assim que se comprava um terreno de um nativo, por preço julgado baixo para os valores que os de fora estavam acostumados “[...] Os açorianos ficaram magoados, porque venderem terrenos muito baratos e agora eles valem uma fortuna [...]”, (Pedrão em entrevista concedida a Fantin, 2000, p.46)

Os conflitos cresceram de tal maneira que era possível notar as divisões da cidade, o lugar dos nativos e dos estrangeiros “tinha o bar deles, o Armazém Vieira, a escola de samba deles”, (FANTIN, 2000, p.38). Ruas e bairros foram moldando-se aos novos moradores que traziam novas tendências e meios de viver, suas casas planejadas, diferentes das casas dos “nativos”, traziam uma aparência “moderna” para os bairros, e os “de fora” acabavam por morar juntos para talvez evitar mais dos possíveis conflitos, com as já mencionadas ruas dos gaúchos, paulistas entre outras.

⁴ Segundo Federico Neiburg (na apresentação de *Estabelecidos e outsiders*, ELIAS, 2000) *establishment* ou *established* são usadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder.

Passaram a existir duas Florianópolis. A dos “nativos” e aquela que foi modificada pelos “de fora”. Muitos dos que vieram de fora, se viram invejados pelos “nativos” por ter uma vida mais regrada de seus luxos e modernidades. Trazendo de fora o novo, tornando o hoje em passado antiquado, desinteressante, banal, e com isso caminhamos cada vez mais rápido para o futuro do amanhã, transforma os “de fora” em procuradores do amanhã, onde tudo o que já se tem é apenas uma porta para a arrecadação de algo a mais. O mais avançado é o melhor, onde não se pára pra refletir as necessidades de cada coisa e sim estabelece valores simbólicos para na sua maioria vangloriar de suas posses, construindo um ser colecionador onde a aquisição do belo, do novo, nas artes e construções, vira um “jogo” interminável de trabalhar para adquirir aquilo que não precisamos, esquecendo o necessário para valorizar o supérfluo.

O conflito entre povos, sofrido em Florianópolis nesse período, não é específico do local, tempo e circunstâncias desta cidade, muito grande é o conflito de interesses e poder nessa relação de novos e velhos habitantes, dos “daqui” e os “de fora”. Disputas que não são de um grande pensamento, mas sim de um coletivo, que juntos formam normas e regulamentos não escrita dentro de uma comunidade, já unida por alguma razão, que na maior parte é por tempo de convivência. Raízes fincadas, e como todos os migrantes não vieram de um só local, seria muito difícil se criar uma comunidade própria onde costumes e maneiras de se viver eram muito diversas entre os de fora, por mais que a modernização estivesse em todos eles.

A “queda” e a “ascensão” do Mané ocorre de maneiras não naturais e em meio a batalhas pelo controle do poder na capital de Santa Catarina. Poder este entre bairros, salários, áreas de lazer e de como prosseguir em relação ao futuro da cidade. Aquele que estivesse com o poder ditaria os rumos do seu futuro, e de como tudo estaria disposto.

O Mané que conhecemos hoje é uma figura icônica e de muito respeito na cidade, por mais que seus valores tenham mudado muito durante as duas décadas principais de sua nomeação. Crenças vão surgir e meios de vida irão mudar, e no final nos deparamos com dois tipos de “Mané da Ilha”. Um que denomina aquele que nasce e vive na moderna Florianópolis, esse que vê o futuro como algo alcançável e que almeja mais do que nunca a continuação da modernização, esse que se mistura

e aceita membros honorários e que muito se orgulham⁵. E outro tipo de Mané, aquele que ainda mora nas praias, e vive uma vida pacata sem os agitos do centro, vivendo da pesca e de trabalhos braçais, que pouco vem para o centro, mas que hoje aceita seu apelido com um pouco de desconfiança, pois ainda é visto por muitos que estão na cabeça do poder como um povo de segunda categoria, braçal. Como criticou com a chegada dos novos habitantes, dos costumes e meio de vida, hoje é criticado por não mudar e não seguir o fluxo em que a cidade segue durante esses anos todos.

⁵ Como Vera Fisher que é catarinense e se diz carioca, muitos “de fora” moram em Florianópolis por anos e passam a se chamar Manezinhos, com o alvará da grande comunidade.

Capítulo II – A diminuição do “eu ilhéu” e as colunas sociais.

O habitante “nativo” da Ilha de Santa Catarina tinha uma vida pacata e sem muito luxo (com exceção da elite da cidade) pescador, comerciante ou funcionário público, o ilhéu era (e ainda é), um povo acolhedor (porém desconfiado), trabalhador (mas que sabe curtir o ócio), e principalmente nas áreas rurais, onde não se deslocava muito, e talvez por isso os novos habitantes ou chamados de “invasores”, ou “os de fora” pelos “nativos”, estranham muito o cotidiano pacato da cidade. Acostumados com o fervor das cidades grandes, acompanhar o andamento de Florianópolis nos anos 1960, ‘70 e ‘80 poderia ser um tanto quanto tedioso.

Florianópolis passou por uma transformação nestas três décadas de maneira a “metropolizar” a cidade no olhar daqueles que nela moravam. Novas obras rodoviárias, grandes empreendimentos imobiliários e a abertura de postos de trabalho de maior renda, trouxeram para a cidade uma nova classe média que buscava o modernismo e o andar para o futuro. Sobre a classe média de Florianópolis, Acordi e Freira (apud CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011), dividem em duas categorias. Uma, mais tradicional, advinda da própria cidade com raízes e antecedente locais, e uma nova classe média que surge a partir das décadas de 1960 e 1970 em um “milagre econômico” na cidade. Sobre essa nova classe média explicam:

Este seguimento possui uma constante necessidade de se demonstrar como diferentes dos demais. Não apenas diferentes, mas também superior. O maior acesso aos bens de consumo, principalmente [...] os duráveis (geladeira, TV, carros) é uma das maneiras que a nova classe média encontra para exteriorizar o seu *status* perante as demais classes sociais. A escolarização também faz parte desse processo. (ACORDI; FREIRE apud CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011 p.54)

“A ‘despossessão’ econômica, o medo da proletarização e o desejo de ascensão”, o que tornava a classe média “não apenas uma classe conservadora, mas visceralmente reacionária” (LOHN, 2002, p. 60). E que transformava a sua opinião muito importante para os formadores de opinião da época (o que ainda é). Muitas delas vindas de fora do estado, e estranhando (e ao mesmo tempo almejando) o estilo de vida pacato da cidade. Um grande número de pessoas

dotadas de um alto capital cultural⁶, veio para Florianópolis e, mesmo sabendo da condição pacata e “provinciana” da cidade, colocavam-na em uma imagem de atraso de um povo pacato que não buscava o novo, e que não queria sair da “mesmice”, como assinala Fantin:

O lamento não era tanto em termos de escassez de ‘estruturas urbanas’(embora também estivesse em pauta), mas o que mais incomodava eram os vícios de uma cidade com ‘**mentalidade provinciana**’, da cidade pacata, sem agito cultural. (FANTIN, 2000, p.49)

Para me ajudar nas análises do período utilizarei o colunista Sérgio Roberto Leite Stodieck. Beto Stodieck nasceu em Florianópolis no dia 10 de junho de 1946, filho de Henrique Stodieck e Maria da Graça Leite Stodieck. No final da década de 1960, cursou a faculdade de Direito no Estado do Rio de Janeiro e na cidade trabalhou no “O Jornal” dos Diários Associados, transferindo-se para Florianópolis onde passou a assinar a coluna no Jornal “O Estado” em 1971. Bastante incisivo em seus comentários, por muitas vezes foi chamada a atenção pela maneira como tratava a cidade em suas colunas, um dos motivos mais fortes que fizeram-no deixar o “O Estado”.

Colunistas sociais do fim dos anos 1970, e início dos anos 1980, reforçavam o novo jeito de viver que os novos florianopolitanos gostariam de estabelecer. Sempre dedicados às festas, e do que era de mais “*trend*” lá fora para trazer à ilha. As suas viagens e festas, na maioria, estavam regadas de muito luxo e do que havia de melhor em todos os lugares do mundo. E a comparação dos itens de lá com aqueles itens daqui, raramente se via um elogio à cidade. E nunca deixavam de dar às suas “beliscadas” nos ilhéus nativos quando havia a chance. Como em uma comparação de Florianópolis com o Japão, de Beto Stodieck, colunista do jornal O Estado: “E a capital dos japoneses é tão organizada que dá até monotonia – e cuspir no chão é

⁶ Por outro lado, esse capital cultural possibilitou para Bourdieu discutir de que forma e por quais meios algumas pessoas conseguem numa sociedade possuir maiores atributos para lutarem por interesses individuais ou de classe. Assim, pessoas com maior capital cultural teriam maior possibilidade de lutarem, por exemplo, pela autorização de se reportar a algum acontecimento ou de representar alguma situação. (DIAS, 2006, p. 27)

ato de violência além dos limites da civilidade e que pode acabar em prisão. **Que nem aqui**⁷...” em um recorte de sua viagem ao oriente em março de 1980.

Elogios viriam sim, mas amarrados com algo de retrógrado e de maneira a banalizar as raízes e/ou a história da cidade. Apesar de ser ilhéu, e de se orgulhar disso, Beto faria muitas críticas à maneira que a Ilha era tratada pelos próprios moradores, e rotulada pelos ‘de fora’, retrógrada, pacata e etc. Como mostra nesta coluna:

[...] apesar de, a cada cidade descoberta, cada point visitado, a constatação ser cada vez mais evidente; a Ilha aqui é dos lugares mais lindos do mundo. Agora, pena é que assim, tão aqui no temperado sul, sujeito a invernos e alterados verões; e que fale português e esteja localizada na costa brasileira. Caso contrário... Mas, o que há de se fazer se nada é perfeito. (STODIECK, 1980, p.15)

A ênfase dada às belezas naturais da Ilha em um completo reforço da visão de *cidade-mercadoria* que os formadores de opinião vendiam, e das expectativas daqueles que vinham para Florianópolis. As praias e o verão da Ilha sempre estavam presentes, mesmo nos comentários de fora da temporada.

[...] é incrível como hotéis do mundo inteiro se espalham por lá. E sequer há uma praia pelas proximidades da cidade – praias mesmo, e mesmo assim olhe lá, só a 200 quilômetros de distância, no interior da Ilha de Luzon que é onde se localiza essa cidade de 7 milhões e meio de habitantes. A Joaquina por lá seria sucesso mais que certo e praia das mais famosas do mundo. (STODIECK, 1980, p.15)

Em seu relato de sua viagem ao oriente, Beto não deixa de citar algumas vezes a questão de como aqueles “de fora” eram mais civilizados (mesmo sem ter muito contato com os tais civilizados), do que aqueles que ele conhecia e convivia. Tentando por ora enfatizar que “A velha cantilena de cidade dos “barnabés”, ou seja, de funcionários públicos mal pagos e sem maiores perspectivas, poderia ser finalmente desmentida, se a cidade aproveitasse as novas oportunidades, (LOHN, 2003, p.2). E que o futuro de Florianópolis também poderia ter um final feliz.

7

Grifo pessoal.

Trata-se de uma pequena ilha na ponta da Malásia- paradisíaca ilha que é, salvo o excessivo moralismo decorrente de uma forte ditadura, tudo aquilo que um dia sonhei pra nossa ilha: alguns quilômetros quadrados a menos que a Ilha de lá. (STODIECK, 1980, p.15)

Após o surgimento de projetos turísticos de padrão internacional e que trazem à cidade o “turismo de enclave”, com a visão de um tipo de turismo que seria a real aposta daqueles que detinham o poder, altos custos, alto padrão, turistas com muito dinheiro, padrões de vida elevado e que deixariam muito dinheiro na mão daqueles que investiram na proposta da “ilha turística”, (GUMARAES; FARIAS 2003). E os colunistas sociais dos jornais em circulação no estado faziam questão de manter esse padrão de cidade elitizada, trazida dos planos dos governantes de manter a idéia da cidade ter nascida para a indústria do turismo. Apesar das inúmeras “fiscgadas” no poder público, “E aqui onde vivemos, nesta Ilha sem par, terra do ‘já teve ou estamos esperando’”,(STODIECK, 1980, p.15).

O modo de vida da cidade de Florianópolis sofre inúmeras mudanças, a contra gosto daqueles “daqui”, quando se vê em um sistema de mudanças, a modernização tem um caminho com apenas um fim, uma homogeneização de um todo e com isso, muito do que se via anterior a esse processo acaba desaparecendo. “No plano de desenvolvimento integrado da área metropolitana de Florianópolis. Há um excerto da doutrina difundida pela escola superior de guerra “uma das características do desenvolvimento é a homogeneidade: as disparidades regionais e setoriais, verticais ou horizontais, não interessam ao desenvolvimento”, (ACORDI; FREIRE apud CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, p.57).

Os colunistas sociais acabam por contribuir em muito para a visão de futuro que era formada sobre a cidade no fim da década de 1970, e início de 1980. Pois uma vez que priorizavam as visões de futuro dos agentes imobiliários e dos governantes, passava a idéia do *boom* como o caminho a seguir. Muitas das opiniões expressas nos periódicos vinham com as expressões: “civilizado”, “moderno”, “luxo”, entre tantas outras. Assim como Beto em seu relato de viagem ao oriente ao falar de seus acompanhantes de viagem:

[...] a outra, em seguida fiquei sabendo já que o Pastor ate então tudo fazia para me esconder companhias pra que me soasse maior,

era Daisy Carta, ex-mulher e melhor amiga (essas coisas de gente civilizada) – e mãe de dois filhos de Mino, o todo poderoso da Isto É... (STODIECK, 1980, p.15)

Vários eram os episódios vistos no centro da cidade que davam o ar da pacata cidade para Florianópolis. Muitas estabelecidas há muito tempo e de maneira que não mais se sabia como. Uma delas contada por Adílio Simões em uma de suas crônicas, mostra duas pessoas “símbolos” do centro, o Marrequinha e o outro, Adolfo e suas brigas, iniciadas por alguém avisar Adolfo que um de seus carros, (que de nada eram de fato dele), estavam sendo multados: “Adolfo, o Marrequinha está multando teus automóveis, insinuava um ilhéu gozador. Isso era o bastante para os dois personagens entrarem em discussão prolongada, quase redundando em cena de agressão, para delírio da platéia.”, (DIAS apud CAMPOS;FALCÃO; LOHN, 2011 p.91). Tais ações não eram do bom costume para aqueles novos habitantes que chegavam na ilha bastante desavisados de seus costumes e mais habituados às suas cidades de origem, que eram consideradas mais civilizadas e modernas. Muitas das imagens e ícones do centro foram aos poucos sendo substituídas por novas tendências e atitudes vindas das cidades grandes. Beto, mais tarde, atestaria essa mudança:

Um dos sintomas da cidade grande que esta tomando conta de Florianópolis é quando a gente encontra outra e depois não encontra mais; [...] se bem que é comum a gente cruzar com uma tal – que se conhece – porem finge que nem sabe quem é; que é pra dar a sensação de se viver em uma cidade grande... tal a variedade de pessoas “desconhecidas” (STODIECK, 1986 apud CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, p.97).

A modernização instaurada pós instituição da ditadura militar, em 1964, conseqüência de uma serie de investimentos na capital do estado de Santa Catarina, traz consigo uma explosão no crescimento populacional e na importância das camadas medias e altas da cidade. Onde antes havia uma pacata capital do estado onde suas principais atividades vinham do comercio, dos órgãos públicos estaduais e de sua área rural, após esse período transforma a cidade em um grande pólo das indústrias da construção civil e de empresas públicas de nível nacional, e seus salários muito acima da media do que era acostuada a cidade.

É notável que numa cidade sem indústrias, vivendo quase exclusivamente de um pequeno comércio e totalmente dependente dos empregos públicos oferecidos pelo Estado, fossem construídas uma série de representações sobre o futuro, no qual este aparece vinculado a desenvolvimentos tecnológicos, riqueza e facilidades de vida. (LOHN, 2003, p.2)

Sobre isso Ouriques (2007, p.75), afirma:

[...] sinteticamente, a incidência de elevação do preço da terra ocorre quase que simultaneamente à decadência das atividades econômicas tradicionais, implantando, via de regra, a transferência de posse da terra e a expulsão das áreas de marinha de muitas famílias de agricultores, em benefício das classes mais abastadas de Florianópolis e outros lugares. (apud Silva, 2013, p.12)

Desencadeia-se, em Florianópolis, um grande processo de gentrificação⁸ da cidade, onde a especulação imobiliária e a demanda da construção civil atraem migrações em grande escala, buscando as belezas naturais e as possibilidades de crescimento profissional e de maiores ganhos. Que segundo Lohn (2009, p.7), “desencadearam acirradas disputas por territórios e simbolismos e importantes rearranjos nas diferentes redes locais (de poder, de amizade, etc.)”

Sobre a dificuldade em manter os valores originais dos ilhéus “nativos”: são essas múltiplas experiências urbanas – de desenraizamento, de apropriação, de perda – que produzem também diferentes percepções da cidade, que estão no cerne da relação entre ‘nativos’ *versus* ‘estrangeiros’, nutrindo e acirrando o conflito entre os ‘autênticos’ ilhéus e os chamados ‘invasores’ (FANTIN, 2000, p.46)

Muitos dos “nativos” da ilha ao verem a nova onda de pessoas chegando na cidade acabam estranhando o modo de vida dos “de fora” e vice-versa. A cada dia que passava, coisas banais do dia a dia eram criticados de ambos os lados, os ilhéus reclamavam dos novos habitantes por trazerem novos costumes, e os novos ares de modernização com a clareza nas medidas de cada terreno, ou fazendo alarde por

⁸ A palavra gentrificação, forma aportuguesada do inglês *gentrification*. É um fenômeno que afeta uma região ou bairro de uma grande cidade devido a alterações do local, como a construção de grandes edifícios e novos pontos comerciais, que acarretam numa valorização da região, abalando com a população de baixa renda local.

causa do destino que se dava ao lixo e dejetos pessoais. Já os ‘de fora’ reclamavam da forma machista que o “mundo ilhéu” vivia com as mulheres sempre em casa ou em visita em casas da vizinhança, ou como os ilhéus estavam se “divertindo” em rodas de causos no mercado, ou da aparente falta de trabalho dos homens “nativos”, (FANTIN 2000).

A partir dos conflitos, os “de fora” encontraram pretextos para a banalização e a tentativa de diminuir ao máximo esse modo de vida do “nativo”. As terras cada vez mais valorizadas pelos mercados imobiliários foram tirando o ilhéu de circulação uma vez que aqueles que puderam, venderam partes de seus terrenos engrenando no ritmo turístico da cidade, construindo lojas, pousadas, hotéis e mudando da vida pesqueira para a turística. E outros que por não poderem manter o padrão estipulado para os novos balneários, viram-se levados para as periferias da cidade, levando o ilhéu para as partes continentais da cidade. Haesbaert (2000), afirma que o processo de desterritorialização pode ser tanto simbólica, com a destruição de símbolos, identidades, quanto concreto, material [...] pela destruição de antigos laços/fronteiras. (apud Silva, 2013, p.12)

Surge na cidade uma segregação sócio-urbana em que os habitantes do centro mais voltados à modernização da cidade viam os habitantes das áreas rurais como uma gente de menor valor, e que esses ‘matutos’/‘manés’ teriam tradições atrasadas demais para um futuro próspero para a cidade, e que a culpa de Florianópolis estar daquele jeito era certamente deles. Beto não deixava de falar em seus comentários, da vida diferente que levavam os descendentes de açorianos ou de seus ‘legados’ para a população da cidade, onde tudo era visto como atraso – “Não há o que possa explicar esse açoriano e ultrapassado hábito, quando em festas florianopolitanas, dos homens prum lado, numa sala, e as mulheres prum outro[...].” (STODIECK, 1979, p.15)

Beto constantemente viajava ao exterior como: Estados Unidos e Europa, e falava muito do Rio de Janeiro e São Paulo em suas colunas, algo bastante distante da realidade do então “Mané/matuto”. O que pode parecer estranho quando ele coloca que “ser ilhéu é não querer saber de atravessar as pontes [...]”⁹, mas tudo faz parte de uma construção do imaginário da crescente classe média e alta, leitora de

⁹ DIAS, 2006, p.25.

suas colunas em que o consumo de bens e o novo modo de vida foram fatores cruciais para a diferenciação das antigas famílias provincianas da cidade, com aqueles que vierem de fora ou seguiram o fluxo do plano de modernização do futuro da cidade “As atitudes de individualização das camadas médias e os projetos de vida que tendiam a almejar a conquista de determinados bens de consumo o portadores de distinções sociais.” (LOHN, 2003, p.1), então continua:

[...] as camadas médias da sociedade, em processo de ascensão social, formavam um mercado consumidor de novidades tecnológicas, aparelhos e modismos de todo o tipo, que apareciam como portadores do futuro. O futuro, em última instância, deveria atender aos projetos individuais e coletivos desses segmentos sociais. (LOHN, 2003, p.2)

Florianópolis não oferecia um apelo cultural como as demais capitais do sul do país, e muitos daqueles de fora acabaram colocando a culpa nos nativos da cidade, que aqueles com dinheiro talvez saíssem para as capitais vizinhas para encontrar este tipo de entretenimento e as camadas mais pobres tinham a família e suas próprias vidas para pensar antes de se preocuparem com atrativos culturais, que seriam a menina dos olhos para os mais aculturados. Mesmo os eventos tradicionais da Ilha, como a Festa do Divino sofreram mudanças para melhor se adequarem aos parâmetros dessa nova vida social, como aponta Dias:

Márcia Alves analisa aquilo que denomina de ‘processo de intervenção da elite civil e clerical na Festa do Divino em Florianópolis’. A festa que possuía características de um catolicismo popular, organizada pelas irmandades e que agregava e ajudava parcelas de camadas humildes para os ternos de reis e para as festas no barracão sofreu uma intervenção da elite civil e clerical. Essas ações pretendiam confrontar a festa a novas racionalidades burguesas e aos novos preceitos da Cúria Catarinense que desejava adequá-la aos preceitos da Romanização da Igreja. Ou seja? Para Márcia Alves havia uma grande festa que por não se adequar às novas sensibilidades teve de ser transformada. (DIAS, 2006, p.21)

Fantim expressa na figura do “Mané” uma ambigüidade de modo a facilitar a transição que ocorre com o termo ao longo da década de 1980. O Mané por muitos casos é comparado com o malandro no seu jeito de ser, um *bon vivant* mas diferente do malandro, os requintes de criminalidade passam muito longe do ilhéu, mesmo

muitos relatos de “não tem bandido Manézinho” são freqüentes, onde a “esperteza” e a “tolice” estão muito próximos. Juntamente com a preguiça daquele que “bate ponto” no Mercado Público e do trabalho árduo do pescador e do trabalhador rural, dando uma maior compreensão da virada de significados na reflexão que faço a seguir.

Lohn (2002) traz “Num grupo social em que prevalece o individualismo e a busca de projetos particulares, é preciso escolher entre o privilegio associado a uma ordem tradicional e o privilegio decorrente de ascensão social.” Discutindo os anseios e temores na nova classe média da ilha que tenta fugir de seu passado buscando privilégios, mas continua culpando aqueles “de fora” pela situação precária dos avanços na cidade. Uma vez que “A ação dos planejadores junta à iniciativa privada, que buscaram valorizar determinados espaços [...], gerou forte pressão inflacionária [...] causando grande especulação imobiliária. (ACORDI; FREIRE apud CAMPOS; FALCÃO; LOHN, 2011, p.62)

O projeto de cidade turística vista pela elite tem uma nova pagina aberta no decorrer dos anos 1980, onde uma nova tendência mundial de turismo “com significado” (ou com uma ligação com o seu passado) chega à cidade como uma nova forma de se fazer turismo e assim atingir um maior publico que não só aquele que vem para relaxar, mas que procura algo como uma ligação com seu passado e trazendo uma nova significação ao morador tradicional da ilha, elevando – o de atraso, para o patamar de “símbolo regional”.

Capítulo III – A Valorização da Figura do Mané.

Reforçando o dito anterior, segundo Leal (2007, p. 141, apud Silva 2013, p.5), “a cultura açoriana do estado de Santa Catarina foi durante muito tempo um evento ao qual se atribuía localmente pouca ou nenhuma importância.” O que deixa de ser verdade ao decorrer dos anos de 1980, uma vez que o aumento da importância da cidade para a renda do estado e a sua importância no mercado turístico, agora como uma das principais cidades deste pólo no Brasil e com o seu planejamento de expansão da sua naturalidade para esta indústria. Florianópolis e suas raízes açorianas passaram a andar lado a lado, em direção ao progresso, tudo o que acontece no plano político e financeiro neste período tem ligação com este projeto da naturalidade da cidade com o turismo de natureza.

No final dos anos 1980 um processo de busca das origens do florianopolitano faz com que o termo “Mané da Ilha” mude seu significado e comece a se transformar na menina dos olhos daqueles que vivem/vendem Florianópolis, e passa a ser sinônimo do nativo de Florianópolis. O governo e o marketing envolvidos na divulgação da cidade seguem uma tendência mundial de processos de surgimento/transformação da cidade em atrativo turístico. Onde “diversos fatores favorecem esse processo extremamente dinâmico, como, por exemplo, o desenvolvimento das indústrias culturais e da mídia e as novas orientações da UNESCO com relação ao patrimônio”¹⁰, (VOISON, 2004, p.2).

Ao decorrer dos anos 1980, os agentes do poder da cidade começam a utilizar de ferramentas para passar uma imagem de maior credibilidade ao processo de modernização, tentando englobar, agora, um sentimento coletivo de aceitação da nova realidade. Em um contexto de homogeneização queria-se que a cidade como um todo, ajude a projetar Florianópolis no mercado nacional e internacional. As estruturas de governo e as mídias se juntam a um ponto, que não podem mais ser distinguidos um do outro. Os investimentos governamentais de então, passam a ser quase que exclusivamente para esse mercado. Segundo Fantin (2000, p.72), o marketing implantado tem muita responsabilidade na nova cara da cidade:

10 Em 1972, a convenção da UNESCO inclui na noção de “patrimônio cultural” os sítios relevantes por sua história ou seus aspectos estéticos, etnológicos e antropológicos, mostrando preocupação com sua deterioração crescente em função das mudanças sociais no mundo, dentre as quais o turismo (BARRETO, 2000, p. 12-13 apud VOISON, 2004, p.2)

O discurso publicitário traduz em signos a mais perfeita representação do ideal do bem viver e do prazer. Se, de um lado, isso faz parte do “marketing da cidade” e da essência da ação publicitária (produzir desejos e necessidades), por outro projeta-se no imaginário coletivo-social uma representação de cidade (e induz a um projeto de cidade) que acentua um “ethos” de cidade turística, cidade do lazer: “O melhor do mundo é aqui”. Nesse discurso de “mercado” Florianópolis transforma-se no “Paraíso Internacional”, na ilha da Magia”, na “Capital Turística do Mercosul e, recentemente, na capital de melhor qualidade de vida do Brasil”.

Apesar da retomada da identificação com o povo açoriano, não confundir com uma retomada de reaparecimento e proteção da cultura como um tudo, pois esse é um desafio que a cultura sofre cada vez mais com a fúria da substituição do velho pelo novo. Apesar da aceitação da identidade açoriana do povo da ilha, algo pouco pensado foi a volta dos afazeres tradicionais tão bem abordado pelo professor Franklin Cascaes. Construiu-se uma cidade mercadoria, segundo Silva (2013), onde o passado tradicional não tem volta, onde tudo gera a utilização do espaço físico e as adições posteriores das indústrias imobiliárias. Como na nota do então novíssimo Diário Catarinense em 1986:

O litoral catarinense vai se transformando rapidamente no grande *point* surfístico do país... Tivemos em janeiro último o maior campeonato brasileiro de surf na Joaquina e teremos em setembro uma etapa do campeonato mundial, na mesma Joaquina. (Cacau MENEZES, 1986, p.3)

Observamos também que Florianópolis é uma cidade turística de tempos quentes, e todos tem a consciência disto, pouquíssima é feito durante o restante do ano a não ser construir para vender, e manter um potencial comprador que se deslumbre com as belezas da ilha, pois quanto mais visibilidade Florianópolis ganhava na mídia, tanto local, quanto nacional, maiores os investimentos em empreendimentos de alto padrão em que o nativo já não teria mais condições de pagar.

Para entender o processo de utilização da mídia na década de 1980 e seu papel na virada utilizo Cacau Menezes que nasceu em Florianópolis em 1955, com família bastante influente no jornalismo na cidade, iniciou sua carreira como

jornalista esportivo e passou a editor de publicações que tinham como público alvo parte dos jovens da cidade. No final dos anos 1980 passou a assinar a “Coluna do Cacau” que existe até hoje no então recém criado Diário Catarinense.

As mídias também foram envolvidas com o processo de “turistificação” da cidade, e sempre que possível, os colunistas sociais, aqui representado pela coluna de Cacau Menezes, ajudava com um empurrãozinho em todos os eventos turísticos e promoções políticas da época. Os agentes políticos e seus planejamentos pró-turismo estavam (e estão até hoje), presentes em suas colunas diárias no recém criado Diário Catarinense, com ênfase nos políticos da situação, principalmente em 1986, ano de criação do jornal e de eleições. Surf, shows nacionais, e o estilo de vida do ilhéu como chamava aqueles que eram da cidade. Muitas eram as novas tendências trazidas e lembranças de que tudo o que acontecia no eixo Rio - São Paulo e que logo apareceriam em suas manchetes.

Afirmar a naturalidade para o turismo de Florianópolis é duvidoso pois, segundo Perroy e Frustier (1998, apud VOISON, p.6) “Toda ação sobre um território pode ter uma repercussão turística”. Com o aumento na demanda do turismo em Florianópolis, cresce a preocupação sobre a preservação dos bens culturais e naturezas ameaçadas, seguindo uma demanda mundial, e principalmente nos anos 1980 com o grande crescimento da cidade como um potencial turístico, tratava-se de uma procura da memória dos povos (VOISIN, 2004) de onde eles vinham, que culturas mantinham e de que forma o poder público estava lidando com esse fato tão relevante para todos os turistas que viajavam para a cidade. Assim, a figura do Mané ajudaria a cidade a crescer, e justo o que uma década antes ameaçava o futuro e a modernização da cidade, seria a possível salvação da imagem de cidade turística que Florianópolis estava precisando. Em Guimarães e Farias (2003, p.9), observamos as nascentes da predisposição ao turismo natural de cada lugar:

Castro (1999, p. 81), ao escrever sobre as “narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro” contradiz a idéia de “vocaçao natural” ao salientar que “um local não pode ser, naturalmente” turístico. Seu reconhecimento como turístico é uma construção cultural – isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada.

O Mané, para Florianópolis, funcionaria como uma diferença crucial do “malandro” brasileiro normal, aquilo que anteriormente seria visto como desordem e atraso, o tão falado Ilhéu ganharia um nome e traria um novo *status* para o povo da cidade, já que, por sua vez, todos já tinham conhecimento de alguma maneira da figura do ilhéu Mané e de seus comportamentos. Os agentes do poder notando o nicho que faltava para a cidade desabrochar para o turismo internacional, uma vez que o carioca tinha o malandro e toda uma história imperial, a Bahia as baianas com seu acarajé, e a França o parisiense e sua vida glamorosa e cheia de modernidades. Florianópolis precisaria de um porta-voz (ou mascote), para as propagandas das atividades turísticas que cada vez mais entravam no cotidiano do florianopolitano. A proximidade do mar e dos pescadores favoreceu o poder público e seu investimento inicial em grandes eventos de surf nas praias da ilha, principalmente a Joaquina. Já que o foco do turismo em Florianópolis seriam suas praias e o clima quente:

Estiveram em Florianópolis [...] agentes de viagem de Toronto no Canadá, para conhecer o potencial turístico [...] visando trazer grupos de turistas canadenses para Santa Catarina, ao invés do Rio de Janeiro para o Nordeste como estão acostumados. [...] Em outubro desembarca na Ilha um grupo de 20 jornalistas e 12 agentes de viagem que conheceram Florianópolis [...] Pelo que demonstraram, pode - se perfeitamente sentir que os agentes deslumbraram – se com a nossa terra. (MENEZES, 1986, p3)

Os idealizadores do projeto têm de realizá-lo fazendo com que todos entendam que as mudanças são para o melhoramento da cidade e que qualquer transtorno é justificado com a possibilidade de um melhoramento financeiro ou de ajuste social que aparece de diversas formas, atores políticos reconhecendo publicamente o valor de cada indivíduo, reconhecendo tradições e costumes que até então, claramente tentava impedir o seu progresso.

Para o fim dos anos 1980, foram criadas estratégias de se expor a ilha em um mercado mundial, que utilizaria todo o seu passado como fonte inspiradora para o marketing de promoção. O primeiro processo foi a criação do slogan “Ilha da Magia”, termo esse que, muitos acreditam, tirado das histórias de bruxas e feitiços das antigas histórias do povo açoriano, mas que no ponto de vista midiático era sinônimo da magia da vida, beleza das praias, lugar paradisíaco onde todos os seus problemas poderiam ir embora. Um processo que parece automático: o turismo

“vende” cidades, sítios e produtos específicos, então é imperativo comunicar, e da forma mais atraente e eficaz possível a fim de aumentar a clientela.

A nova face da cidade de Florianópolis que seria formada pelos agentes políticos, indústrias de turismo e da construção civil passa muito perto de um encontro, de uma identidade que será utilizada para transpor as barreiras do físico e levar a tão imaginada Ilha da Magia para um patamar de “capital turística do MERCOSUL” tudo se atem na criação de uma identidade que se baseia em algo que há muito tempo existia na cidade e bastante combatido até então que é a figura do Ilhéu com suas crença, costumes e ritos, sejam eles físicos, religiosos ou de vivencia.

Muito do que se viu ao longo dos anos 1980, com os planos de uma Florianópolis ideal, nada mais é do que a continuação dos esforços de levar a cidade para a modernização e para os fins planejados desde muito tempo. Os investimentos eram bastante pesados para que todo ano mais turistas visitassem a cidade. “A Citur recebe hoje da ABIH (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis) [...] um repasse de quatro mil dólares, [...]. Os quatro mil dólares serão usados na promoção de Santa Catarina no Cone Sul da America.” (MENEZES, 1986, p.3).

Neste período os atores do poder tentam, com a ajuda da mídia e de campanhas de marketing muito bem elaboradas, nos “engessar” ou homogeneizar para um público de possíveis turistas, em uma identidade que todos conhecemos como Mané da Ilha. Onde na verdade em minha visão existem dois tipos, aquele que não se identifica com o termo, que muitas vezes não sabe de sua origem degradante e que se diz orgulhoso de ser um Mané. E o segundo aquele que ainda vive da pesca, de suas tradições passadas por gerações e que não estão preocupados de que forma é nominado (já que ainda existiam pessoas que não gostavam de serem chamados de Mané da ilha.)

Mas nada representa tão bem esta figura do Mané, quanto um comentário de seu José Amorim em um livro intitulado “Ser Manézinho...” diz ele: “Manézinho é algo que começou como uma brincadeira e com o passar dos anos tornou – se um troféu bastante sério, de alto nível.” (2007, p.55). Porém essa brincadeira era bastante séria e causaria uma mudança extrema nas ligações de todos na cidade.

[...] os projetos urbanos e turísticos, bem como a vinda de migrantes para a Ilha foi um impulso para que se fosse buscar na historia a

importância do legado açoriano para a cultura local, numa necessidade de (re)construção identitária que pudesse caracterizar o Estado. [...]A idéia é que a cultura da ilha esta “morrendo”[...], (SILVA, 2013, p.1)

Com o grande crescimento industrial de Santa Catarina, principalmente na região do Vale do Itajaí e sua colonização predominantemente de alemães e italianos, o litoral que sobrevivia basicamente da pesca e de produtos de comércio regional, dos anos 1950 em diante, Florianópolis começou a sofrer uma disputa de sua importância como capital do estado, uma vez que nada de industrializado produzia seu porto já desativado, e sem muita projeção de crescimento além do serviço público. Essa importância de Florianópolis fora desafiada e por demais se discutiria o nível de trabalho dos descendentes de açorianos que vistos pelas demais colonizações, não passava de um povo de vida fácil em que o trabalho forçado de todo dia era insistente e por isso não poderia dar frutos e que por isso o litoral não teria evoluído tanto quanto as demais áreas do estado, em especial o vale do Itajaí. E para os agentes políticos de Florianópolis perderem o status de capital do estado seria algo impensável. Algo deveria ser feito para amenizar a má reputação deixada pelos migrantes açorianos, e a colocação de Florianópolis no mercado mundial e no parâmetro de uma indústria não produtiva, mas sim do entretenimento, seria perfeita para a nova cara que era moldada por todos que detinham o poder, ou que pretendiam chegar a tê-lo. E nos anos 1980 nada era tão claro quanto o congresso de historia catarinense que dava ênfase neste, chamado por Lohn, dualismo no estado:

[...] construir uma identidade catarinense em torno do “homem do litoral”, descendente dos primeiros colonizadores açorianos, valorizando-o em contraponto aos pólos de povoamento germânico e italiano do interior do estado. As populações pesqueiras do litoral passavam a ser consideradas as herdeiras da nacionalidade e capazes de dar a Santa Catarina as feições brasileiras. Ao contrario dos que afirmavam a incapacidade para o trabalho como o fator de atraso das populações litorâneas, destacava-se a labor árduo, intenso, de sol-a-sol, recompensado com miséria, corpos deformados e vidas encurtadas, sob tantas condições adversas louvava-se acima de tudo a capacidade de sobreviver e a homogeneidade cultural dessa população. (LOHN, 2002, p.119)

Crescia em força o movimento açorianista no Brasil, e principalmente na região de Florianópolis, que em busca de suas raízes para que não as perdessem de vez, segundo Leal (2007, apud Silva, 2013, p.6), nos anos 1970 e 1980, houve uma retomada açorianista, semanas de estudos açorianos foram promovidas pela UFSC e pela Universidade de Açores, e que ajudaram a identificar três principais períodos para a retomada: a primeira nos anos 1940, (com o congresso catarinense de história que comemoraria os 200 anos da colonização no estado), que seria apenas um movimento confinado; a segunda durante as décadas de 1970 e 1980, que seria um período de transição das importâncias açorianas para a cidade, e um terceiro, nos anos 1990, que traria bastante expressão social e cultural para o litoral catarinense.

Atrelado ao folclore do Ilhéu Mané vem um conjunto de realizações da cidade e dos trabalhos realizados por Franklin Cascaes ao não deixar que a cultura e costumes que viu “morrer” de fato não acontecesse nesse período. O marketing acaba juntando as belezas naturais da ilha e o patrimônio a ser preservado com a criação do slogan “Florianópolis: Ilha da Magia”. Vemos que todas as mudanças ocorridas na cidade durante o período têm decorrência da adequação da cidade à nova realidade turística e imobiliária que transformaria de vez, a cidade capital do estado na Ilha do Mané.

Projetos da modernidade buscavam uma homogeneidade em que a imagem do todo não é transpassada pela imagem do um, e uma vez que a cidade estava repleta de representações, cultura e costumes que muitos estavam preocupados do seu fim, por que não abraçá-la e dar esperança a defesa de sua história? O poder público entende a brecha que lhe faltava para ter a aceitação de todos na cidade e utilizou da cultura açoriana como ponto de partida para suas campanhas de turismo. A mídia correria atrás das idéias dos governantes e levaria para todas as pontas de seus meios a idéia mágica da cidade, como vemos nesta coluna:

Você acreditaria que um milionário velejador Frances, sozinho num super barco, cheio de dinheiro e planos, pudesse chegar a Florianópolis, depois de ter percorrido grandes mares pelo mundo, e não mais ter saído da cidade? [...] Esta ai mais um caso de magia da ilha. (MENEZES, 1986, p.3)

Segundo Silva (2013), há um investimento pesado em marketing turístico que ajuda a indústria imobiliária, principalmente com empreendimento de alto padrão como Jurerê internacional, Campeche e Santinho¹¹. Porém, segundo Firmino e Chagas (2009, p.6 apud Silva, 2013, p.2):

[...] a colonização açoriana a qual ocupou a ilha e estipulou o caráter do desenvolvimento urbano ao longo da história da cidade, tem sua lógica modificada primeiramente pela especulação da terra que passa a ter valor de troca em um mercado imobiliário crescente, e com o desenvolvimento da atividade turística, o espaço urbano passa a sofrer maior valorização e especulação a medida em que a demanda por imóveis aumenta, ou a disputa por parte das incorporadoras se torna mais iminente no lançamento de novas ofertas imobiliárias e de hotelaria no mercado.

Esquecendo - se de que a razão de muitos lugares que vendiam comida mais tradicional no centro fecharam exatamente pela falta de interesse do que era daqui. Costumados ou não, os pescados foram levemente sendo colocados de lado por toda e qualquer gastronomia que aparecera na ilha como uma forma nova e mais moderna de se alimentar, visando sempre o que estaria a frente de seu tempo, muitas vezes, vindos do eixo Rio-São Paulo e até mesmo do exterior. Cacau relata a sua insatisfação na falta de bons restaurantes de peixe em Florianópolis, mas não aqueles antigos estabelecidos em pousadas, onde todos que trabalhavam no centro já estavam acostumados a almoçar todos os dias, mas sim em um negócio rentável de padrão elevado:

Um dos pescadores mais conhecidos de Florianópolis, Marcelo Moura [...] está pensando de abrir um restaurante especializado em grandes peixadas, o que convenhamos não existe no centro da cidade. **Uma casa de alto nível com lagostas**¹², garoupas [...] e outros frutos do mar que abundam pela Ilha. Come-se hoje no centro mais hamburgers e pizza do que propriamente peixe que sempre foi nossa marca registrada. (MENEZES, 1986, p.3)

¹¹ Localizado no Norte da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis SC, Jurerê Internacional é um empreendimento imobiliário, um residencial e resort desenvolvido pelo Grupo Habitusul, ao lado da praia de Jurerê Tradicional. Assim como outros bairros-praias da cidade como Campeche e o Santinho, foram planejados para maior potencial turístico da cidade.

12 Grifo pessoal.

Mais tarde afirma:

A propaganda negativa [...] foi, em parte recuperada sexta feira pelo jornal do Brasil, que dedicou a ultima pagina de seu caderno de turismo para mostrar “o mar de todos os peixes (e camarões, e lagostas) de Florianópolis. (MENEZES, 1986, p.3)

Os novos ilhéus ou novos Manés acabam evoluindo juntamente com a cidade e de englobar em seu dia a dia padrões de vida vindos de outros estados ou de outros países, uma vez que a cidade a cada dia ficava mais internacional. Muitos dos nativos que aproveitaram a nova onda imobiliária, e que tinham um certo poder aquisitivo por trabalharem com o serviço público, por terem uma condição melhor de vida do que seus conterrâneos que ainda trabalhavam na pesca e que raramente se dirigiam para o centro, mesmo com todas as melhorias em estradas e transporte urbano, realizados pelo prefeito e pelo governador. O centro da cidade ganhou uma nova cara e abrigou locais de entretenimento noturno e bares e restaurantes cada vez mais estrangeiros, para tentar talvez preencher o vazio da cidade nos meses de inverno. E tudo o que era novidade apareceria na coluna do Cacau:

Chega em floripa, pelas mãos de um militante comunista e dono de um bar cubano, um velho costume norte-americano. O *Happy hour*, chamado *Dópo lavoro* pelos italianos. Desde ontem, e pelas demais quartas feiras seguintes o bar Havana, do folclórico Alexandre “Mosquito”, esta aberto das 17h às 20 horas, com musica ao vivo, visando atrair quem sai do trabalho e não quer enfrentar os engarrafamentos do final de tarde. Mosquito lembra que em todas as cidades do mundo, os bares atraem freqüentadores quando cai o crepúsculo, e sabe muito bem que o ilhéu também não dispensa um bom aperitivo antes de chegar em casa. (MENEZES, 1986, p.3)

Também utilizavam da coluna para pedir algo ao poder público, e também que uma atenção maior fosse dada a alguns problemas que o futuro da cidade precisaria. Os agentes do poder viviam querendo (ou não) acompanhar tudo o que viria dos jornais e as colunas não seriam diferente, os jovens e “badalados” influentes nas tomadas de decisão, e muito do dinheiro que viria fora da temporada de verão, seria desse nicho que sempre fez questão de representar. A vida cotidiana e normal dos habitantes da ilha não lhe agradava, mas sim tudo aquilo que era

diferente e que poderia ser uma atração turística para a cidade atraindo cada vez mais expectadores, que depois de ver a cidade e suas belezas, com certeza voltariam para o verão. Pois esses turistas, pouco veriam do dia a dia da cidade, em que obras de melhorias eram realizadas, mas o ilhéu mais pobre, pouco era beneficiado.

Os adolescentes que lotaram no último domingo o ginásio do SESC, na primeira apresentação do grupo *Legião Urbana* em floripa, preparam – se para um novo sofrimento em outubro. Será no mesmo deficiente ginásio do SESC o show dos *Paralamas do Sucesso*. (MENEZES, 1986, p.3)

Apoio aparente principalmente ao Partido Democrático Social (PDS), partido do então governador Esperidião Amin, sua coluna sempre trazendo notícias e possíveis investimentos no progresso de Florianópolis, colocados pelo partido. Como na nota: “O jovem Marcio da Costa Ramos, de tradicional família local, deixou a presidência da imprensa oficial, mas não do PDS. No vidro traseiro de seu automóvel, destaca-se um plástico do candidato Pedro Bittencourt.” (MENEZES, 1986, p.3), vezes que o prefeito Edison Andrino era mencionado, muitas vezes, colocado como desafiante do governo e que o governador de veras saíra sempre por cima.

Segundo Lohn (2012, p.12), “a imprensa torna-se um agente da construção da memória histórica, vitoriosa sobre o período, ao estabelecer uma narrativa dos eventos principais e personagens mais destacados.”. Onde os jornais moldam a cara de todo o seu público alvo e se adaptam às mudanças necessárias para se manter em um mercado competitivo, em que se juntando com os agentes políticos vistos em Florianópolis do período, trazem os resultados desejados de maneiras rápidas e seguras para todos os investidores. O público em geral não vê essa mídia como tal, e por isso, muitas vezes age no impulso, a ponto de moldar-se aos padrões e visões urbanistas, turísticas propostas, e “resgatar” uma cultura em decadência a ponto de criar essa memória identitária. Sobre a visão de muitos eventos como as propagandas turísticas: da Ilha da Magia ou a criação do troféu Mané da Ilha (disposto a aparentemente jogar fora tudo o que o termo significava), e abraçá-lo como se faz com velhos apelidos pejorativos, que se não o for, gerará mais conflitos.

Em 1987, quando foi criado o Troféu Manézinho da Ilha, uma idéia que nasceu no bar Petit e uma idéia do carnavalesco Aldirio Simões, e muito se questionou sobre as características do verdadeiro Manézinho. E por entender a origem pejorativa do termo Manézinho foi até sugerida nomear o troféu de "Manuelzinho da Ilha". O que realmente era. Muitos moradores ilhéus não gostavam desse rótulo, sentia-se ofendidos e as reações eram agressivas, malcriadas. Mas foi para a possível retirada deste rótulo que o premi foi criado. (ANCapital 14/04/2000 – Aldirio Simões criador do prêmio. ANCapital)

Também segundo Lohn (2012) a mídia serve de suporte para uma imagem criada intencionalmente para legitimar processos políticos. Para este caso tudo o que aparentemente vem ao natural, é na verdade traçado segundo um molde mundial de novos destinos turísticos e crescimento de áreas não produtivas industrialmente ou onde queira se passar por um trazedor dos “novos ventos” da modernização e da nova cara para a cidade.

O mané da ilha traz então, uma carga bastante importante para o cenário da cidade no fim dos anos 1980, para que essa transação de cidade pacata e provinciana para uma cidade que propositalmente mantém-se média, para os fins desejados, os aspectos “tradicionais e culturais” da cidade, sua açorianidade, um meio de parecer essa “naturalidade” da indústria do turismo e a verdadeira promoção da “Ilha da Magia”, suas bruxas, benzedadeiras, pescadores e a proximidade com o mar dão o respaldo atrair o turista e garantir o futuro da cidade (capital do MERCOSUL), e com o apoio midiático de seus colunistas sociais.

Considerações Finais

A cidade de Florianópolis no período a que me propus analisar passou por inúmeras mudanças, sendo elas físicas, comportamentais, estruturais e políticas. Todas essas mudanças levaram a uma composição não tão natural quanto imaginávamos dos símbolos da cidade, aqui representada principalmente pela figura do “Manézinho da Ilha”. O “Mané” hoje uma figura muito popular na mídia e nas rodas da cidade, teve seu início bastante negativo/pejorativo em meados dos anos 1980, viu-se uma necessidade de divulgar a cidade em um conceito mais homogeneizador em ajudar o poder político cativar a opinião pública de que a cidade poderia viver com a indústria do turismo.

O objetivo da pesquisa era problematizar se o “Mané” sempre teve a mesma visualização e “significado” para o habitante da Ilha de Santa Catarina, uma vez que grande parte das novas gerações não teve contato com o passado da terminologia e talvez não entendessem como uma identidade pode ser criada à mercê daqueles que detém o poder político e econômico de uma sociedade.

Construiu-se uma identidade comparada com aquela do “malandro” carioca. As novas gerações acreditam que o termo tivesse nascido ali mesmo, nas comunidades açorianas e que sempre teve o mesmo significado da pessoa do ilhéu (Seu Manuel, Seu Manéca, Seu Mané). Mas, uma elite da cidade e daqueles “de fora” ao comparar suas cidades natais com Florianópolis acirraram cada vez mais uma “desavença” que acabara em um embate entre a nova classe média que desejava a modernização e o avanço da cidade e a comunidade ilhoa mais simples que não almejava a mudança e que acaba parecendo intolerante aos olhos dos novos moradores da cidade.

As colunas de Stodieck e Cacao foram de grande ajuda para entender esse processo de aparecimento/criação pejorativa e a ascensão do “Mané”. No decorrer dos anos 1980, Beto Stodieck, sempre muito orgulhoso de sua cidade (esperançoso por um futuro melhor), jogava suas cartas na mesa para a criação de uma homogeneização do ilhéu nivelado por cima, nas festas, viagens e poder aquisitivo. Onde o ritmo favorável das grandes obras imobiliárias traziam para a cidade uma cara mais moderna e civilizada, questões que o ilhéu comum descendente de açorianos, e que levava a sua vida pacata não teria a possibilidade de acompanhar.

Já Cacau Menezes, foi ao encontro do marketing da nova proposta de cidade que utilizava suas origens açorianas e uma “tradição” abraçada que levaria a cidade às tendências mundiais de atrações e turismos com conteúdo mais aprofundado, onde a cidade abraça suas raízes e emerge como uma massa homogênea que transmitiria (e transmite) essa vontade de inovar, mas tentando manter a cara de uma “cidade-média” (retirando a idéia de cidade provinciana) que os novos moradores trouxeram ao mercado turístico na ilha.

Sobre o termo Manézinho da Ilha, ainda hoje incide os dois significados aqui apresentados. Para muitos o Mané ainda é aquela figura pacata de uma vila de pescadores de fala errada e que “não tem a preocupação com o futuro”. Ainda em conversas informais, principalmente com moradores “de fora” ainda reagem a ele como um povo que não gosta de trabalhar e ser uma das razões que Florianópolis está cheia de pessoas “de fora”, uma vez que os manézinhos não querem trabalhar, aqueles “de fora” devem vir para que a cidade não pare. Já o significado de orgulho se apresenta bastante no dia a dia da cidade, sendo assim o colunista Cacau Menezes continua com suas histórias e promovendo o “Mané” até hoje, esse por sua vez uma pessoa mais responsável, empreendedora por muitas vezes, aquele que sabe se divertir e que sabe do que gosta do que é bom.

Nota-se uma clara divisão de classes sociais no enredo dessa ascensão do termo, desde sua criação como um xingamento até seu coroamento nos anos 1980 com ajuda da açorianidade, e os planos de enriquecimento cultural da cidade no processo de ressignificação que acompanha a linha do “malandro” carioca. Transformando – se em um dos símbolos do estado de Santa Catarina e da cidade de Florianópolis. Um símbolo que acredito jamais perderá sua ambiguidade, a cidade, até certo ponto, necessita dela para manter um status de “cidade-média” em que se insere média em tamanho, das camadas médias, e de uma preocupação de futuro sem perder o ar de “cidade pacata”, “mágica” e de belezas turísticas, aonde todos vêm para relaxar do stress da vida agitada dos grandes centros do país.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina, **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégia de consagração do Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

AMANTE, Francisco H. **Ser Manézinho...** Florianópolis: Papa-Livro Editora, 2007.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.16, p. 17 -35 dez. 2004 - ISSN: 1676-2584.

_____. Campos da História: uma introdução às especialidades da história. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.16, p. 17 -35 dez. 2004 - ISSN: 1676-2584;

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2005.

BATISTELA, Kellyn. **Franklin Cascaes**: alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970. Florianópolis, SC, 2007. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0330-D.pdf>>. Acesso em: 12/11/2013.

BERGIER, Louis Jacques. **O despertar dos mágicos**: introdução ao realismo fantástico. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BRANCHER, Ana Lize; LOHN, Reinaldo L. (org.) – **Histórias na Ditadura**: Santa Catarina: 1964-1985. Florianópolis, Editora do UFSC, 2014.

CAMPOS, Emerson C.; FALCÃO, Luiz F.; LOHN, Reinaldo L. (Org.) **Florianópolis no tempo presente**. Florianópolis, Editora da UDESC e DIOESC, 2011

CARUSO, Raimundo C., **Franklin Cascaes**: vida e arte e a colonização açoriana, Florianópolis, Edufsc, 1981.

CASCAES, Franklin. **Desenhos, esculturas**. Florianópolis: Museu Histórico de Santa Catarina, [2010]. Não paginado. (Exposição Desenhos e Esculturas de Franklin Cascaes de 10 Julho - 20 de Agosto de 2010 no Museu Histórico de Santa Catarina.);

CASCAES, Franklin. **O Fantástico na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da Cultura Catarinense, 1997.

DIAS, Rafael D. - **Fora Haole! Tensões socioculturais em Florianópolis a partir de Beto Stodieck e Cacau Menezes (1975 a 1981 e 1992 a 1998)**. Florianópolis 2006, 56 f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Departamento de História.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro; Zahar, 2000.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.

Fundação Franklin Cascaes - [http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes-Menu: sobre entidade - Franklin Cascaes](http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes-Menu:sobre%20entidade%20-%20Franklin%20Cascaes) – acesso 8/11/2013;

GUIMARAES, Vera M.; FARIAS, Márcia R. C. - De Desterro A Floripa: O Turismo Como Um Elemento De Transformação Da Cidade De Florianópolis IN: **XI Congresso Brasileiro De Sociologia 2003**- Unicamp, Campinas/Sp Gt “Cidades: Transformações, Governança Pública E Participação Da Sociedade” disponível em http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=859&Itemid=171.

GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação de acervos museológicos** : estudo sobre as esculturas em argila policromada de Franklin Joaquim Cascaes. Florianópolis, SC, 2011 210 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2011;

GRAIPEL, Hermes. A fabricação da memória na obra de Franklin Cascaes, projeto de pesquisa de doutorado 2002.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.) – **A invenção das tradições** – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

KRÜGER, Aline Carmes **Fragmentos de uma coleção**: as obras de arte em papel de Franklin Joaquim Cascaes. Dissertação de mestrado – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em artes visuais, Florianópolis, 2011- p.95-109.

LOHN, Reinaldo L. **Pontes para o Futuro**: Relações de poder e cultura urbana Florianópolis - 1950 – 1970. Porto Alegre 2002, 445 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Programa de pós graduação em História.

LOHN, Reinaldo L. Cidade Do Futuro: Imaginário Urbano E Política Em Florianópolis (1950-1970). **ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. João Pessoa, 2003.

LOHN, Reinaldo L. Cidade e democracia: espaço público e modernização no processo histórico brasileiro contemporâneo (1970-2000) – o caso de Florianópolis (SC). **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Fortaleza, 2009.

PACHECO, Joice Oliveira. **Identidade cultural e alteridade**: Problematizações necessárias. **Spartacus**, revista eletrônica dos discentes de história. UNISC - Santa Cruz do Sul;

SILVA, Márcia S. da - **Desencantos Da Ilha Da Magia**: Projetos Urbanos E Manutenção Da Cultura Açoriana Em Florianópolis – SC in: anais encontros nacionais da ANPUR Desenvolvimento, planejamento e governança – Recife 2013. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4506/4375>

VOISON, Jane. Comunicação turística, memória, identidade: uma proposta de abordagem e dois casos (Ilhéus-Bahia e La Rochelle - França) Artigo publicado na revista **Espaço Acadêmico**, n. 37, junho de 2004. Disponível em www.espacoacademico.com.br/037/37evoisin.htm

FONTES

MENEZES, Cacau. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27 mai. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23 de mai. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 26 de mai. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 6 set. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 18 set. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 25 set. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 25 out. 1986. Caderno Variedades, p. 3

_____. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 3 nov. 1986. Caderno Variedades, p. 3

STODIECK, Beto. **O Estado**. Florianópolis, p.15. 1 nov. 1979

_____. **O Estado**. Florianópolis, p. 15. 25 mar. 1980.

_____. **O Estado**. Florianópolis, p.15. 26 mar. 1980.

_____. **O Estado**. Florianópolis, p. 15. 27 mar. 1980.

_____. **O Estado**. Florianópolis, p. 15. 29 mar. 1980.